

ESTÍMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

# EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(Organizador)

ESTÍMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

# EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

# Estímulo à transformação da educação através da pesquisa acadêmica

**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E81 Estímulo à transformação da educação através da pesquisa acadêmica / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-561-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.614210510>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como importante medida para barrar o avanço do contágio, fez as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e repensarem estratégias que aproximassem a comunidade escolar. E é nesse momento histórico, o de assumir a virtualidade como uma dessas medidas, considerando-se as angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os/as autores/as deste livro intitulado **“Estimulo à transformação da Educação através da pesquisa acadêmica”** reúnem os resultados de suas pesquisas e experiências e problematizam sobre inúmeras questões que os/as [e nos] desafiam.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa *“Educação: desafios do nosso tempo”* no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, a ausência de políticas públicas, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancarou o quanto a Educação no Brasil ainda reproduz desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro das discussões as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que nascem das diversas problemáticas que circunscrevem o nosso cotidiano. O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno para o repensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que os inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores/as de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de Gestão e Políticas Educacionais, Processos de Letramento Acadêmico, Ensino de Ciências e Matemática, Metodologias Ativas, Educação à Distância, Tecnologias, Ludicidade, Educação Inclusiva, Deficiências etc. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos/as professores/as pesquisadores/as, como os/as que compõem esta obra.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo

de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

DISLEXIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DAS PESQUISAS REALIZADAS ENTRE OS ANOS DE 2009 A 2019 NO BRASIL

Daiane Patrícia Pereira

Ana Flavia Hansel

Marcelo Naputanor

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105101>

### **CAPÍTULO 2..... 17**

UMA EXPERIÊNCIA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE NA REDE PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Elimeire Alves de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105102>

### **CAPÍTULO 3..... 24**

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DE ALUNOS DO 4º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Fábio Brum

Felipe Claro Gonçalves

Joana Maria da Costa Lima

Roseli de Freitas Lima

Flavia Matheus de Avellar Kakumu

Jaqueline Ferreira Lima Granadeiro

Alessio Kelly Sant' Ana

Elizabeth Aragão do Amparo

Marcos Júnior Guimarães Alves

Suzi Aparecida Pizette de Carvalho Silva

Claudia Mattos Raybolt

Magda Elaine Sayão Capute

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105103>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DOS SABERES DOCENTES DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Ana Paula da Silva

Amanda Micheline Amador de Lucena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105104>

### **CAPÍTULO 5..... 49**

A LINGUAGEM DA VIDA NA ESCOLA E A LINGUAGEM DA ESCOLA DA VIDA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105105>

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO DAS APRENDIZAGENS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	
Anna Claudia Perin Vidigal Marlene Betzel Luxinger	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105106">https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105106</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
SAÚDE MENTAL E RAINY DAY: CONSIDERAÇÕES DA ALTERIDADE, EXPERIÊNCIA E IMERSÃO EM JOGO DIGITAL	
Caio Túlio Olímpio Pereira da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105107">https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
OTIMIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE UTILIZANDO FERRAMENTAS DA ESTATÍSTICA	
Leopoldo Ramos de Oliveira Kelly Cristina Barbosa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105108">https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>88</b>
POTENCIALIZANDO EL MÉTODO SOCIALIZADO EN LA CAPACIDAD CRÍTICA EN ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SUPERIOR	
Flor de María Sánchez Aguirre David Saúl Cuellar Juarez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105109">https://doi.org/10.22533/at.ed.6142105109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
A UTILIZAÇÃO DAS TICS COMO FERRAMENTAS DE PERPETUAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA	
Isabella de Gregório dos Santos Anderson Luiz de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051010">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051010</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ACRE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO ESTADUAL E DO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO	
Cássia Andréia de Souza Lima Cledir de Araújo Amaral	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051011">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051011</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>125</b>
EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO BASEADO NO PROJETO CAMP MANGUEIRA-RIO DE JANEIRO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051012">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051012</a>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>135</b>
SHOW DAS CIÊNCIAS (FÍSICA – MATEMÁTICA – QUÍMICA) COM KAHOOT! COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Gleber Glaucio do Nascimento Soares da Silva	
Alana Priscila Lima de Oliveira	
Cristiane de Castro Laranjeira Rocha	
Micheline de Castro Laranjeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051013">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051013</a>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>146</b>
GESTÃO E ARTE OU GESTÃO CULTURAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA FORMAÇÃO NO BRASIL	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051014">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051014</a>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>156</b>
A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE LEITURA: CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO ACADÊMICO	
Keila Andrade Haiashida	
Eri slândia Gomes da Silva	
Géssica Rocha da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051015">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051015</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>166</b>
O PAPEL DO DESIGN INSTRUCIONAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Carlos Alberto da Silva Mello	
Fernanda Emanuela Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051016">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051016</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>174</b>
AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA COM UMA CRIANÇA AUTISTA	
Alicia Karenn de Souza Oliveira	
Alan Bizerra Martins	
Silvana de Sousa Lourinho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051017">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051017</a>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>180</b>
GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS: REPERCUSSÕES NA REINCIDÊNCIA DOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E A SUBJETIVIDADE DAS MASCULINIDADES	
Luís Antonio Bitante Fenandes	
Jamile Moreira Kassem	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051018">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051018</a>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
“PROJETO PLANTANDO VIDAS”	
Camilo Rodrigues da Costa Neto	
Dalila Cisneiro Lopes	
Gabriel Agoado	
Guilherme Nogueira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051019">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051019</a>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>202</b>
HORTELÃ: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM POR MEIO DO CHEMSKETCH	
Luzinete de Souza Oliveira	
Solange Aparecida Bolsanelo Merlo	
Camila Bruschi Tonon	
Leonardo Teixeira Alves Gusmão	
Manuella Villar Amado	
Vilma Reis Terra	
Anderson José Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051020">https://doi.org/10.22533/at.ed.61421051020</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>214</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>215</b>

# CAPÍTULO 5

## A LINGUAGEM DA VIDA NA ESCOLA E A LINGUAGEM DA ESCOLA DA VIDA

Data de aceite: 21/09/2021

### Francisco Marquelino Santana

Doutor em Geografia pela universidade Federal de Rondônia, e vice – coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura amazônica – GEPCULTURA / UNIR

**RESUMO:** Os infindáveis debates do campo das ciências da linguagem jamais cessarão. O importante é que muito se tem feito, principalmente no campo da linguística, para que os preconceitos linguístico-culturais tão presentes em nossas relações sociais, possam ser conscientemente atacados e extirpados, através de uma política-educacional-linguística de qualidade. Mas muito ainda temos que fazer para que a linguagem da vida possa, enfim, fazer parte indissociável da linguagem da escola.

**PALAVRAS – CHAVE:** Linguagem; escola; vida.

**ABSTRACT:** The endless debates in the field of language sciences will never cease. The important thing is that much has been done, especially in the field of linguistics, so that the linguistic-cultural prejudices so present in our social relations can be consciously attacked and extirpated, through a quality educational-linguistic policy. But we still have a lot to do so that the language of life can, at last, become an inseparable part of the language of school.

**KEYWORDS:** Language; school; life.

### 1 | LINGUAGEM E ENSINO

Podemos afirmar que é inteiramente possível atribuir um olhar crítico para um ensino ético que busque o malogro da estigmatização de variantes linguísticas tão prejudiciais às camadas populares da sociedade. O que a escola necessariamente precisa adotar são práticas pedagógicas inovadoras que coíbam ações discriminatórias e depreciativas sobre indivíduos que fazem uso de uma linguagem popular na escola.

Acredito ser, a repressão linguística um dos grandes entraves para continuarmos a galgar os degraus de uma escola cidadã. Uma educação não autoritária gera uma escola mais prazerosa e democrática, e uma escola que respeite as diferenças, por sua vez, vai gerar um ensino mais inclusivo e menos repressor.

Diante dessas considerações e acreditando numa escola que tolere as diferentes diferenças e apropriações de um ser que contribua através de uma linguagem crítica intercultural à sepultar a visão estática de um estabelecimento de ensino que valorize o mundo das elites e conseqüentemente combata a estigmatização das variedades linguísticas. Diante o exposto devemos, portanto, concordar com Carboni e Maestri (2005, p. 145) no sentido de dizer que desta forma: *“A repressão linguística e igualmente caminho para a repressão social e cidadã. Um locutor que é levado a desprezar o*

*falar seu e de sua comunidade, tende a se desprezar e à sua comunidade”.*

Atentar para atacar a repressão linguística na escola é ao mesmo tempo combater uma visão instrumentalista do ensino de língua que sobrecarrega discentes de várias camadas populares através de uma gramática normativa ditatorial que a meu ver mais serve para reproduzir o preconceito linguístico na escola e na sociedade. Esta visão instrumentalista do tudo feito, acabando, exato, vai exatamente de encontro a uma ideologia positivista funcionalista de manutenção da situação vigente.

Não é difícil encontrar respostas para tais questionamentos relativos à passividade da escola e do ensino quando nos referimos a seu caráter puramente conservador e porque não dizer caduco e atrofiado, basta saber, por exemplo, que nossas escolas estão abarrotadas de cartilhas desprovidas de significados relevantes e de valores que apenas colaboram de forma significativa para separar cada vez mais o ensino de língua da nossa realidade.

Na verdade, pode-se claramente observar que tais conteúdos só atrelam a uma cortina de silêncio, tão riquíssima e rara beleza, presentes em nossas peculiaridades sócio-linguístico-culturais, mas que infelizmente ainda continuam sendo desvalorizadas pela escola, que insiste trabalhar à revelia da vida, discriminando e estigmatizando os valores históricos de seus falantes. Conforme relata Geraldi:

Um aluno falante de variedade não padrão, numa escola que possibilite interlocuções com outras variedades (inclusive a padrão, mas não só ela, já que numa sala de aula convivem diferentes variedades, por menores que sejam as diferenças que as identifiquem), não se apropria do dialeto de prestígio, mas ao contrário, enquanto locutor e interlocutor, por seu trabalho linguístico, participa da construção deste dialeto. O dialeto de prestígio também se constrói historicamente, modificando-se, ainda que suas mudanças formais sejam mais lentas. (2009, p.35).

Fica, portanto, claro e evidente, da escola que queremos e almejamos. Ressaltando, porém que nenhuma conquista será algo relevante, sem que esta tenha sido fruto de uma linguagem crítica da educação, que antes de qualquer coisa, convive com a dor dos oprimidos.

Partindo do conceito de que a educação é condição sine qua non para a formação do indivíduo na sociedade em que vive, torna-se, portanto, imprescindível que estejamos à luz de uma linguagem crítica que seja fortemente capaz de contribuir para que a educação alcance um patamar ético de qualidade e que por sua vez, seja também capaz de atenuar o acentuado índice de preconceito linguístico que assola de forma desenfreada as escolas do nosso país.

Consciente de que a escola é uma realidade histórica que vive a fluir, é preciso que nós educadores estejamos atentos a essas transformações e que juntos possamos como sujeitos transformadores do status quo vigente participar ativamente deste processo dialético no intuito de construir no seio de nossas unidades de ensino, um ambiente escolar

prazeroso, democrático e inclusivo.

Diante do metamorfoseamento desta condução, *“não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”*. (FREIRE, 2007, p.17).

Agir sempre no contexto da eticidade é, portanto, não deixar esmaecer os valores na escola e na sociedade. É esta a consciência que devemos ter enquanto sujeitos históricos. Conforme nos esclarece Bakhtin:

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. Constituem seu único abrigo. Fora deste material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (1986, p.35.36)

É importante ressaltar que a politização do ser se dá abrindo as portas da consciência ao mundo. A escola que não conhece as peculiaridades que a cerca, que não aceita as diferenças ali existentes e que não se preocupa de forma ética e consciente em entrelaçar escola e comunidade, estará simplesmente contribuindo para a manutenção do continuísmo e valorizando o estático, atrelando ao mesmo tempo seus atores sociais a um mundo isolado e limitado.

Neste sentido estará a escola de forma arbitrária e insolente privando a própria consciência de continuar o processo de libertação do ser e a percorrer novos caminhos, novas ideias e novos conhecimentos, considerados imprescindíveis à construção de sua autonomia educacional participativa, inclusiva e democrática.

A escola que reconhece a linguagem da vida como algo pronto e acabado, estará sepultando seus próprios valores. Se somos inacabados e incompletos, precisamos, pois, alimentar o ser a conhecer novos valores, respeitando e transformando o ambiente escolar e a sociedade em que vivemos. Desta forma o educador Paulo Freire chama-nos a seguinte atenção: *“Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros a procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas, o fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude”*. (2007, p.153).

Fechar-se ao mundo é sepultar a utopia, condenar sonhos e ceifar a sede inesgotável do saber. O mundo atual exige-nos uma postura crítica diante de uma era globalizatória mundial asfixiante e de contexto de pós-modernidade, acelerando, portanto, os desafios entre a linguagem da vida na escola e a linguagem da escola da vida. Tratar uma comunidade escolar à revelia da vida é o mesmo que agonizar-se diante dela.

A escola necessita de educadores que tolerem as diferentes diferenças linguísticas, que ousem, que dinamizem, que sonhem com o impossível, que atropelem o estático e

que inovem suas práticas educativas, propondo o advento de uma linguagem crítica e intercultural da educação.

O educador munido de uma linguagem crítica, ao tempo em que liberta, também preocupa aqueles que estão a serviço da linguagem dos dominantes, pois:

Ao educador crítico cabe a tarefa de estimular a visão crítica dos alunos, de constante questionamento das centenas que, como passar do tempo, adquirem a aura e a intocabilidade dos dogmas. É por este motivo que o educador crítico atrai, via de regra, a ira daqueles que estão plenamente satisfeitos com o status quo e interpretam qualquer forma de questionamento das regras do fogo estabelecidas como uma grave ameaça a si e a sua situação confortável e privilegiada. (RAJAGOPALAN, 2008. p.111).

Uma linguagem crítica de cunho interacionista e libertadora encontra em Paulo Freire e Bakhtin um caminho inesgotável de produção científica e de inovação à pesquisa educacional. Esta concepção interacionista e intercultural impregnada a novas práxis pedagógicas de libertação da consciência humana traz no seu bojo uma nova maneira de repensar a linguagem da educação e o papel do educador frente aos desafios hegemônicos do século XXI.

A ideia de um entrelaçamento da linguagem da vida na escola e da linguagem da escola da vida nos permite conhecer e aceitar o outro e nos permite conviver com as diferentes diferenças sócio – linguístico – culturais num ambiente escolar que respeite e tolere os valores de um mundo direcionado as singularidades e pluralidades do bem viver.

A linguagem intercultural no contexto de sua dinamicidade continua a fluir de forma inacabada e incompleta nos mostrando que existe uma lacuna que jamais poderá ser definitivamente preenchida, mas que será sempre um espaço crítico ideal para novas pesquisas e novos debates que devem certamente nortear os rumos na conquista de uma educação de qualidade.

Conceber a linguagem como notadamente ideológica e dialógica, requer sem resquícios de dúvida um processo dialético contínuo e entrelaçado, essencialmente interativo, histórico e inconcluso. Desta forma devemos concordar que há um “fosso intransponível” diante desta incompletude e que segundo Maria do Rosário Gregolin, está presente “*entre a língua da escola e a língua da vida*” (2007, p.62).

Nessa perspectiva é inteiramente importante e indispensável que a escola continue sendo transformadora, dinâmica e dialógica, atuando sempre de forma decisiva, construindo e reconstruindo a linguagem da vida na escola e a linguagem da escola da vida.

## **2 | POR UMA LINGUAGEM DA VIDA NA ESCOLA**

Observemos que ambos no seu percurso atentaram para uma visão histórico-crítica da linguagem e da educação. Combateram o estático, adotaram o fluir. Transformaram a existência de uma visão estagnada de enxergar o mundo e deram um novo rumo ao espírito científico.

Ambos acreditaram na possibilidade de mudança, viram no ser humano, um ser inacabado e inconcluso, sentiram que a linguagem e o ensino não se resumem num ato puramente mecânico, pronto e limitado. Esta ponte transcendental não se esgota, não há, pois como separar uma sociedade, sua língua e sua cultura.

Diante do exposto, podemos afirmar que no contexto transcendental da linguagem e da educação, ambos os termos estão misturados simultaneamente e no cerne de laços tão consistentes, e inseparáveis, a interação dialógica ocorre naturalmente.

Na educação, por exemplo, os ensinamentos de Freire nos mostram que os alunos a serem tratados como “recipientes vazios”, aumenta desenfreadamente os índices de evasão e reprovação, tornando caóticos os dados de desempenho escolar. Agindo assim, professores e conteúdos transformam-se em uma só ditadura da aprendizagem. E ainda pior, reproduzem significativamente as desigualdades sociais existentes. Eis, portanto, a urgente necessidade de adotarmos uma linguagem crítica da educação capaz de transformar o status quo vigente.

Observemos que nas análises teóricas aqui diferenciadas por Geraldi e Souza, a cerca de Freire e Bakhtin, o indivíduo é sempre o sujeito transformador, é aquele que age, que muda e que sempre está em contínuo processo de interação. Ele vive constantemente internalizado pelos discursos do seu meio social. Discursos que ao mesmo tempo em que constitui o sujeito, tentam desta forma encurralá-lo sob o jugo do poder hegemônico dominante. Mas, diante do exposto, este mesmo sujeito torna-se profundamente capaz de recriar sua própria existência e de superar as mazelas do mundo vigente. Esses dois grandes pensadores têm sido o esteio de debates e discussões no cerne do campo científico das ciências da linguagem e da educação.

Na perspectiva Bakhtiniana, o discurso de caráter monológico torna-se ditatorial, autoritário e conservador. É como se a linguagem popular fosse constantemente sufocada e discriminada pela linguagem elitista-dominante. Nesta visão a língua deixa, portanto, de ser libertadora e passa a ser uma língua que está a serviço da reprodução da exploração humana e da manutenção reacionária das desigualdades sociais.

Fica, portanto, claro, que o estudo da linguagem neste teórico, mostra perfeitamente as relações sociais de dominação e exploração do modo de produção e capitalista agonizante. Eis que, neste percurso sócio-histórico-linguístico surge notadamente o relacionamento existente entre a infraestrutura e a superestrutura que juntos alavancam a existência da produção e do poder ideológico, e suas constantes interferências.

Na perspectiva Freireana, o educador munido de uma linguagem crítica, torna-se um intelectual libertador das massas oprimidas. Sendo o educador um crítico profundo, estará promovendo uma revolução cultural e conseqüentemente estará contribuindo para a extinção da morte em vida, visto que o ser alienatório, torna-se incapaz de promover a libertação humana de seu cativo, este processo histórico-dialético surge como uma esperança viva de uma escola que educa e que liberta. Conforme expressa Moraes:

Mikhail Bakhtin (1986) e Paulo Freire e (2001) concebem a linguagem como essencialmente dialógica. Suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio de que a interação entre os sujeitos é o princípio fundador tanto da linguagem como da consciência. (2010, p. 2).

Acreditamos na ideia de que vale a pena acreditar na realização da utopia. Ela surge a partir do momento em que acreditamos na realização dos nossos sonhos. A vida, por exemplo - com sua diversidade, heterogeneidade e dinamismo - é carregada de diálogo e esperança de homens e mulheres que insistem em construir um mundo melhor.

São estes os pontos estratégicos da construção sadia do social e de políticas públicas que adotem a linguagem da vida, respeitando suas diferenças, valorizando-a e incluindo-a no nosso meio. É esta a convivência que queremos e que lutamos para tê-la, e que talvez por isso tenha visto nestes dois pensadores aqui referendados um caminho mais ético e menos preconceituoso de viver a vida.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta visão de manter uma aproximada relação entre os povos, trazendo para esta disciplina o entrelaçamento entre língua, cultura e sociedade, não só dá a Etnolinguística um relevante campo de pesquisa científica, como também oferece a Sociolinguística e a Antropologia linguística, a mesma qualidade investigativa de se produzir importantes trabalhos para o enriquecimento das ciências da linguagem.

Observemos que na prática as disciplinas aqui mencionadas atuam de fato no mesmo campo de pesquisa, tornando-se, desta forma, a linguística, um importante centro de referência e relevância social para o desenvolvimento de seus estudos científicos.

Como podemos ver a linguística está sempre presente na visão geral de mundo, e para tal, tem se tornado um desafio para linguistas e demais profissionais de áreas afins, no sentido de alavancar esforços objetivando coibir práticas reacionárias e discriminatórias que disseminam o preconceito linguístico na escola e na sociedade.

Práticas educativas que vão de encontro à variação linguística do país, reconhecendo de forma democrática e inclusiva esta imensa nação multilíngue, só tende a reforçar ainda mais os relevantes trabalhos de gestores e educadores, seriamente comprometidos em atacar os malefícios de estigmas linguísticos que constantemente assolam comunidades falantes minoritárias, tais como, centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas de migração.

Se quisermos, portanto, acreditar no processo de relevância social da linguagem e da linguística é preciso criar urgentemente em nossas escolas, práticas pedagógicas capazes de democratizar o ensino de língua. A democratização do saber linguístico como tantos outros saberes da vida da humanidade está necessariamente atrelada ao processo histórico-dialético da sociedade.

Os linguistas, pois, atuam no sentido mais ético da palavra, quando aplicam

seu notório saber científico em benefício daqueles que vivem oprimidos diante de certa repressão linguística.

As línguas de todo o mundo constituem uma rica diversidade. A sociedade muitas vezes ainda marginaliza alguns poucos falantes de uma língua que vive às suas margens. Excluídos, esses poucos falantes de uma língua que luta para sobreviver, carregam em si riquíssimo acervo histórico-linguístico-cultural, e neste contexto, logo aparece um linguista para fazer parte de suas vidas.

Adotar uma política linguística de cunho ético e democrático é também adotar e participar da luta de comunidades linguísticas que incansavelmente resistem às opressões sócio-linguístico-culturais da sociedade conservadora.

Buscando sempre encontrar soluções para os intermináveis debates teóricos acerca da linguagem, diversos linguistas travam uma verdadeira luta no campo científico à procura da adoção de políticas linguísticas que pelo menos se aproxime da defesa de suas teorias.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1986.

CARBONI, Florenci & Maestri, Mário. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes**. São Paulo. Expressão popular, 2005.

CECCON, Claudius; Oliveira, Miguel Darcy de; Oliveira, Rosiska Darcy de; **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

COLARES, Anselmo Alencar; Colares, Maria Lilia Imbiriba Souza; Alves, Elza Moreira Barbosa; Ingrid Letícia Menezes e Molina Maria de Fátima de Castro de Oliveira. **Multiculturalismo e Educação: Um enfoque ao Ribeirinho**. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel (ORG). **Multiculturalismo na Amazônia: O singular e o plural em reflexões e ações**. Curitiba. Ed. CRU, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo. Cortez editoria, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **O que quer o que pode esta língua?** In: Correa, Djane Antonucci. **A Relevância Social da Linguística: Linguagem, Teoria e ensino**. São Paulo. Parábola, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Paulo, Pedro&João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**. Campinas, São Paulo. Mercado de letras, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **Paulo Freire e Mikhail Bakhtin: O encontro que não houve**. In: Instituto Paulo Freire de Portugal e centro de recursos Paulo Freire da FPCE. **Diálogos através de Paulo Freire**. São Paulo. Coleção querer saber I, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos – SP. Pedro & João editores, 2010.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre. Artmed, 1997.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2003.

GNERRE Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo. Martins Fontes, 2009.

MORAES, Raquel de Almeida. É possível uma linguagem crítica na educação? Brasília. Revista linhas crítica/UNB. Volume 12, Número 203. Dez/2006.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. **A ‘virada político-linguística’ e a relevância social da linguística e dos linguistas**. In: CORREA, Djane Antonucci (ORG). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística Crítica**. São Paulo, Parábola, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acre 6, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

Administração 45, 48, 87, 132, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 165, 169

Alteridade 6, 67, 72, 76, 184

Aprendizagem 3, 7, 8, 1, 2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 25, 26, 27, 31, 33, 34, 35, 36, 39, 42, 44, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 77, 78, 88, 89, 110, 112, 119, 126, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 145, 161, 163, 164, 166, 168, 169, 172, 174, 175, 176, 177, 197, 198, 201, 202, 205, 208, 209, 210, 211, 212

Aprendizaje Vivencial 88, 91

Argumentación 88, 89, 90

Artefatos Digitais 135, 136, 139

Autismo 7, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Autoavaliação Institucional 80, 81, 86

Avaliação de Ensino Superior 80

### C

Capacidad Crítica 6, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 99, 100, 101

Capitalismo 103, 146, 149

Carnaval 125, 126, 128, 134

Chemsketch 8, 202, 203, 204, 208, 209, 210, 211

Cidadania 66, 114, 125, 128, 132, 133, 134, 193, 201

Clube de Leitura 7, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

Comunicação e Educação 67

Contexto Educacional 5, 1, 3, 14, 205

Covid-19 25, 31, 34, 35, 36, 188

Criança 7, 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 58, 59, 61, 62, 65, 78, 112, 113, 123, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Cultura 6, 35, 43, 49, 53, 54, 58, 59, 60, 62, 65, 71, 74, 77, 78, 87, 93, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 125, 126, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 155, 182, 183, 205, 208, 214

### D

Desenvolvimento 6, 2, 3, 4, 7, 10, 12, 15, 16, 19, 20, 21, 26, 34, 35, 37, 40, 43, 45, 47, 51, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 71, 77, 80, 112, 114, 115, 118, 123, 124, 126, 129,

130, 131, 132, 135, 136, 138, 144, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 160, 163, 164, 168, 169, 174, 175, 176, 179, 204, 206, 214

Design Instrucional 7, 166, 167, 168, 169, 172

Diagnóstico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 73, 113, 115, 118, 120, 122, 123, 124, 156, 159, 160, 161, 176, 212

Dificuldades de leitura 156, 158, 159

Dislexia 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

Docência 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 167, 214

## **E**

Educação a Distância 7, 67, 166, 167, 172

Educação e Cultura Indígena 102

Educação Profissional 5, 17, 20, 21, 22, 23, 37, 38, 46, 48, 167

Ensaio 36, 107, 134, 146, 148, 149, 153, 165

Ensino 3, 5, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 79, 80, 81, 82, 88, 110, 114, 119, 120, 124, 125, 131, 133, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 153, 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 169, 172, 176, 177, 192, 195, 196, 198, 201, 202, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214

Ensino e aprendizagem 39, 42, 133, 135, 137, 141, 142, 166, 202, 208, 209, 210, 211, 212

Ensino Fundamental 5, 8, 13, 16, 24, 25, 27, 79, 114, 177, 201

Ensino Médio 5, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 36, 44, 131, 135, 137, 140, 144, 160, 213

Ensino Técnico Profissionalizante 17

Escola 3, 5, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 42, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 60, 62, 63, 64, 107, 110, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 144, 162, 174, 176, 177, 178, 179, 204, 205, 210, 212, 213

Estatística 6, 80, 83, 87, 147, 149

Estereótipo 102

Experiência 4, 5, 6, 7, 13, 17, 18, 19, 22, 33, 35, 41, 42, 43, 46, 58, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 135, 137, 144, 148, 156, 157, 158, 159, 162, 174, 177, 178, 182, 190

## **G**

Game Studies 67

Grupo Reflexivo de Homens 7, 180, 182, 187, 188, 189

## H

Hortelã 8, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 212, 213

## I

Identidades 102, 180, 183, 189

Imersão 6, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 78

Inclusão Legislação 111

Instituições de Ensino Superior 80, 82

Instituto Federal de Sergipe 6, 80, 81, 83

## K

Kahoot! 7, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

## L

Letramento Acadêmico 3, 7, 156

Linguagem 5, 4, 9, 10, 16, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 71, 132, 169, 175, 176, 184, 189

## M

Masculinidade 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191

Método Socializado 6, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100

## P

Pandemia 3, 5, 24, 25, 26, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 64, 65, 162, 188

Pessoa com Deficiência 111, 112, 114, 115, 121, 123

Prática Pedagógica 13, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 144, 159

## S

SEE-IFSP 17, 18, 20, 21

Sociedade em rede 102, 106

## T

Tecnologia da Informação e Comunicação 102, 103, 104, 105

Teorias de Aprendizagem 66

## V

Vida 5, 1, 3, 5, 8, 9, 11, 13, 15, 30, 32, 33, 34, 41, 43, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 60, 67, 68, 72, 73, 74, 77, 91, 93, 94, 100, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 118, 122, 125, 126, 128, 129, 131, 136, 148, 159, 163, 175, 176, 182, 183, 185, 193, 194, 195, 196, 203, 204, 205, 206

Violência contra mulher 7, 180

ESTÍMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

# EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

ESTÍMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

# EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)